

Em uma pequena vila aninhada entre montanhas esmeralda, vivia um velho relojoeiro chamado Elias. Suas mãos calejadas, com veias que pareciam rios secos em um mapa, eram tão habilidosas quanto sua paciência era infinita. Elias não era um homem de muitas palavras. Em vez disso, ele falava através do tique-taque ritmado dos relógios que consertava. Cada engrenagem, cada mola, cada ponteiro que ele polia e ajustava contava uma história.

Sua loja era um santuário do tempo. Prateleiras do chão ao teto estavam repletas de relógios de todos os tipos e tamanhos: relógios de bolso de ouro, relógios de parede de madeira esculpida com figuras de anjos e diabos, e até mesmo um grande relógio de pêndulo que tocava uma melodia suave a cada hora. Mas o relógio mais especial de todos ficava em uma vitrine de vidro no centro da loja. Era um relógio de cuco simples, sem adornos, com uma pequena porta de madeira que permanecia fechada. Este era o relógio de sua esposa, Alana, que havia partido muitos anos antes.

Certa manhã, um jovem viajante chamado Léo entrou na loja. Ele não procurava um relógio para consertar, mas sim uma história. Ele havia ouvido falar que Elias, apesar de seu silêncio, era o guardião de segredos, e que o tempo em sua loja se movia de uma maneira diferente.

Léo notou o relógio de cuco e perguntou a Elias sobre ele. O velho relojoeiro, que raramente se desviava de seu trabalho, parou, olhou para o relógio com uma ternura que fez o tempo na loja parecer ainda mais lento, e começou a falar.

"Este relógio", disse Elias com uma voz suave e áspera, "é o meu tesouro. É o que me lembra que o tempo, embora possa ser contado, não pode ser domado. Quando Alana estava viva, este relógio era o centro de nosso lar. Quando o cuco cantava, ela e eu parávamos o que estávamos fazendo e nos beijávamos. Era um ritual, uma celebração de cada hora que passava, um lembrete de que o tempo juntos era precioso."

Ele continuou, contando como Alana tinha um espírito livre e alegre. Ela adorava pintar e enchia a casa de cores vibrantes. Elias, com sua natureza metódica, era o polo oposto, mas eles se completavam. Ele mantinha a ordem, e ela trazia a alegria. A vida, para eles, era uma dança entre o tempo preciso e a liberdade da arte.

"Uma noite," Elias continuou, com a voz embargada, "uma grande tempestade atingiu nossa vila. Uma árvore caiu e atingiu nossa casa. Eu me recuperei, mas Alana... ela partiu. Depois disso, eu não consegui olhar para o relógio. Cada tique-taque parecia uma contagem regressiva para a sua ausência. Eu o peguei, o coloquei na vitrine e nunca mais o abri. O cuco nunca mais cantou."

Léo ficou em silêncio, absorvendo a tristeza do velho. Ele então perguntou a Elias por que ele não tentava consertar o relógio. O velho relojoeiro balançou a cabeça. "Não está quebrado", disse ele. "O cuco não canta porque o coração que o fazia cantar parou de bater. Não há engrenagens que possam consertar isso."

Léo se sentiu tocado pela história. Ele passou as semanas seguintes visitando a loja de Elias, não como um cliente, mas como um amigo. Ele não falava muito, apenas observava. Um dia, ele trouxe para Elias uma caixa de tintas e um pincel.

Elias, confuso, olhou para o presente. "Para quê?", ele perguntou. Léo sorriu. "Para pintar o relógio", ele disse. Elias riu amargamente. "Não há cor que possa trazer o tempo de volta."

"Não é sobre trazer o tempo de volta", disse Léo. "É sobre dar a ele uma nova cor."

Elias hesitou, mas a persistência gentil de Léo o persuadiu. Lentamente, com as mãos que estavam acostumadas a manusear ferramentas minúsculas, ele começou a pintar. Ele pintou o cuco de azul, a cor favorita de Alana. Ele pintou a moldura de verde, a cor das montanhas que eles amavam. Ele pintou flores e borboletas, lembrando-se das pinturas de Alana.

Enquanto ele pintava, algo em seu interior começou a mudar. As memórias de Alana, antes dolorosas e sombrias, começaram a se transformar em algo mais suave e brilhante. Ele se lembrava do riso dela, do brilho em seus olhos quando ela o via, da maneira como ela sempre o encorajava a ser mais do que apenas um relojoeiro.

Finalmente, ele terminou a pintura. O relógio, que antes era simples e sem vida, agora irradiava alegria. Ele o tirou da vitrine e o pendurou na parede, ao lado do grande relógio de pêndulo. Ele se sentou em sua cadeira e esperou. A hora se aproximava.

Quando o relógio de pêndulo tocou, o pequeno relógio de cuco permaneceu em silêncio. Elias suspirou, um pouco de tristeza em seu coração. Mas então, ele olhou para o relógio pintado e sorriu. Ele não precisava que o cuco cantasse para saber que o tempo com Alana não havia sido em vão. O tempo não era apenas o que se contava; era o que se vivia.

De repente, a pequena porta de madeira do relógio de cuco se abriu. E, para a surpresa de Elias, não foi um cuco que saiu. Foi um pequeno pássaro pintado de amarelo, que bateu suas asas e cantou a melodia mais doce que Elias já tinha ouvido. Ele não cantou uma vez, mas duas, três vezes, como se estivesse comemorando a nova vida que ele e Alana haviam construído juntos.

Elias sorriu, com lágrimas nos olhos. Ele sabia que o relógio não tinha consertado o seu passado, mas tinha lhe dado um novo futuro. E a partir daquele dia, a cada hora, o pequeno pássaro pintado cantava, e Elias sabia que o tempo, embora possa ser contado, nunca é perdido. Ele apenas espera para ser redescoberto.